

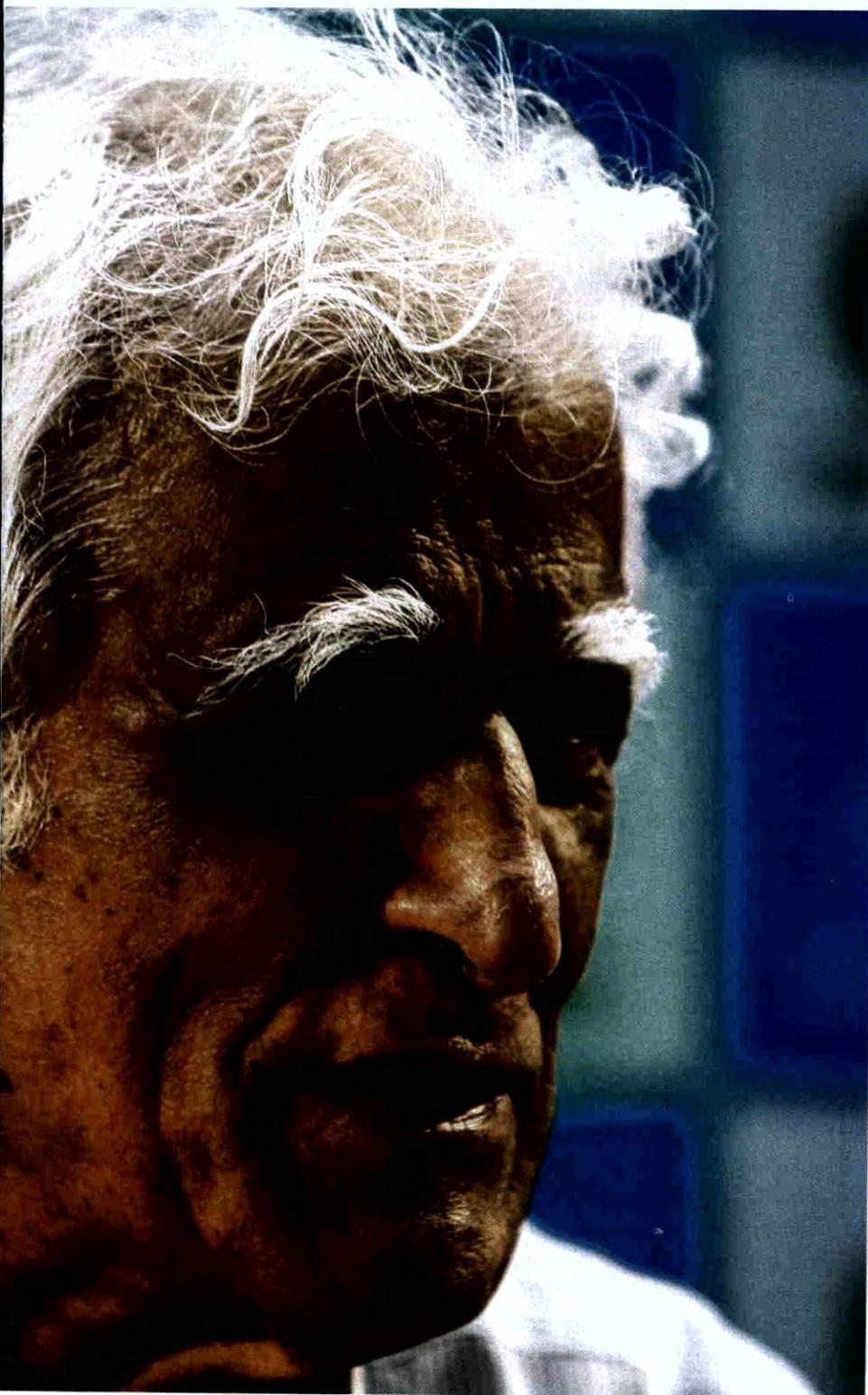
**ABRE ASPAS ZIRALDO** CARTUNISTA

# «Forçar uma criança a ler é um crime contra ela»

Texto **CARLA BITTENCOURT** carlapb@gmail.com  
Foto **FERNANDO VIVAS** vivasf@gmail.com

Difícil listar as produções de Ziraldo Alves Pinto, falta espaço. Aos 82 anos, o mineiro de Caratinga tem mais de 150 títulos publicados e já superou 8 milhões de livros em vendas. Suas atribuições são tão diversas quanto: Ziraldo é cartunista, chargista, humorista, jornalista e escritor. Formado em direito, lançou a primeira HQ colorida do Brasil, *Turma do Pererê* (1961) e tornou-se um dos mais respeitados autores de livros infantis do País, de *Flicts* (que fez o astronauta Neil Armstrong confirmar essa como a cor da Lua, em 1969) ao *Menino Maluquinho* (1980), vencedor do Prêmio Jabuti e adaptado para teatro, cinema e até ópera. Há 30 anos, Ziraldo viaja pelas escolas do Brasil provocando professores a ter uma visão crítica do mundo. Este mês, ele lança *O bicho alfabeto*, coletânea para crianças, com ilustrações dele e poemas de Paulo Leminski (1944-1989). Vai expor na feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, na Itália, que em 2014 completa 50 anos e homenageia o Brasil. Em passagem rápida por Salvador (cidade que conheceu durante a lua de mel, nos anos 1970), Ziraldo falou também sobre as igualmente simbólicas criações para os adultos, como o Pasquim (semanário de resistência à ditadura militar) e a revista BUNDAS, que satirizava a Caras no final dos anos 1990.





**O senhor costuma dizer que "menino" é uma instituição, uma fase da vida que dura quatro verões. Além do Maluquinho, fez o Menino Marrom, o que veio de Vênus, o de Marte. Qual era a ideia?**

Eu conheço menino profundamente. Sei ler o olho dele. Então, acabei fazendo mais de 12 livros com esse título. Fazendo isso, eu descobri algumas coisas. A primeira, foi que quem lê é a menina. Aí, comecei a escrever pensando na menina...

**Mas o senhor não fez uma Menina Maluquinha.**

Eu não faço livro sobre menina. Fiz a *Menina das Estrelas* e *Uma Menina Chamada Julieta*, mas são especulações. Fiz a *Menina Nina* também, mas foi quando minha mulher morreu e a minha neta estava preocupada com a morte. Agora, tanto a *Menina das Estrelas* quanto a *Julieta* são como uma conversa sobre a busca do entendimento da menina. Descobri que a menina já é exatamente como a mulher, cheia de mistério. Você pega *Alice no País das Maravilhas*, ali é uma revelação da mulher ainda menina. Quando Alice se descobre presa no buraco e começa a chorar, vai caindo lágrima, caindo lágrima e como é que ela sai dessa aflição? Ela chora até a lágrima subir para sair nadando. Isso é a coisa mais feminina que existe.

**E o que o menino faria?**

Não sei, teria que pensar. Acho que ele ia se desesperar, mas ia conseguir sair. Todo ser humano se salva.

**Como é o Brasil que o senhor disse ter conhecido por dentro das escolas?**

«Eu sou otimista. Acho que o Brasil vai ser a grande nação do século 21. Pode parecer que eu tenha voltado dessa viagem sem esperança, mas não»

Eu sou otimista. Acho que o Brasil vai ser a grande nação do século 21. Pode parecer que eu tenha voltado dessas viagens sem esperança, mas não. Somos um povo muito fora dos padrões. Temos essa docilidade, apesar da violência em níveis absurdos. A história do Brasil tem crueldades irrepetíveis, contudo, o País tem uma maneira, um afeto que perpassa toda a nossa convivência.

**É com otimismo que o senhor diz que ler é mais importante do que estudar?**

Olha, você não pode ensinar um coral de mudos a cantar. Não pode educar uma multidão de analfabetos, que é o que o Brasil está tentando fazer. A rapaziada está chegando à universidade sem a capacidade de entender o que está lendo. Esta semana, saiu uma pesquisa mostrando que a grande dificuldade dos meninos que participavam de olimpíadas de matemática era que a maioria não conseguia entender os enunciados. Não tem mais ditado no ensino primário, isso é a coisa mais incompreensível do mundo! Não tem conversa sobre poesia, tem a leitura de um trecho fácil de ser assimilado e pronto. Forçar uma criança a ler é um crime contra ela. Criança não é foca que tem que ganhar peixinho ou prêmio. Tem que conversar e fazer isso ludicamente. Não é generalizado,

mas recebo livros de poesia que as escolas fazem depois de oficinas, em que as crianças publicam seus versinhos e os pais vão lá ver. Alguns desses versos são lamentáveis, desesperadoramente burros. A criança tem que escrever sem precisar rimar, mas a professora não entende nada de poesia e acha que é isso. Às vezes, o menino tem uma ideia poética que não rima. O professor tem que ser preparado para lidar com isso.

**Aos 82 anos, sua produção é intensa. Como é o seu processo de criar? O senhor trabalha sozinho ou em estúdio?**

Eu bolo a história. Fico com ela na cabeça, aí vou lá e escrevo. Depois, trabalho em cima do desenho. Com o desenho já pronto, às vezes eu mudo o texto. Os livros eu faço sozinho, ninguém se mete. Mas as histórias em quadrinhos do *Menino Maluquinho*, não. Aí, trabalho em equipe.

**O senhor afirmou que deixa para as cartilhas as histórias que têm uma lição. Por quê? Isso atrapalha a literatura?**

Claro. Você tem que contar uma história, nada de orientar. Cecília Meirelles escreveu um livro para criança com o menino comportadinho, obediente, que não sujava roupa. Ora, Cecília Meirelles, vai escrever poesia! Tem um autor que disse que o Saci Pererê não era deficiente, que ele ti-

nha as duas pernas e que só os meninos bons viam isso. Você não pode fazer isso com uma criança! Então, eu não quero ensinar nada.

**Que autores o senhor destacaria na produção atual de literatura infantil?**

O Brasil tem muita gente boa. Em conjunto, não há nenhum país no mundo fazendo melhor do que aqui. O poeta chileno Skármeta falou comigo impressionado que conhecia a mim, a Ruth Rocha, a Ana Maria Machado, mas não conhecia nenhum autor infantil no Chile. No mundo todo, fazer literatura para criança ainda é considerado algo menor. Para você ter uma ideia, Dr. Seuss, que vendeu mais livros do que a Bíblia, é o maior autor infantil que já existiu. Na semana em que ele morreu, a cozinha de J. D. Salinger pegou fogo. Aí, a mesma revista americana deu duas páginas para Salinger, mostrando que ele tinha mania de não receber ninguém e que quase morreu porque ninguém foi socorrer. Já a morte de Dr. Seuss saiu em uma nota na coluna de literatura.

**Antes do Maluquinho, a Turma do Pererê foi a primeira HQ do País com protagonista negro, quando quase não se discutia racismo, e que valorizava a cultura nacional. Como chegou a este projeto?**

Eu queria fazer história em quadrinhos para criança e, naquela época, só existia isso na cultura americana. Aqui no Brasil, todas as grandes histórias em quadrinhos estavam publicadas, como *Luluzinha*, *Bolinha*. Eu fiz a onça, o tatu, o jabuti, o macaco e o coelho, que são bichos das lendas brasileiras, foi quase que por

intuição. As histórias tinham guerra de mamona em vez de guerra de neve. Mas, em 1965, por razões ideológicas, tive que parar com o Pererê e sofri muito. Acabei fazendo o Maluquinho, que não é ideológico e que a história nasceu por causa do sucesso do personagem. O Pererê não. Foi a realização de um desejo.

**O senhor manteve uma postura ideológica no Pasquim. O que mais o marcou naquela experiência?**

Foi ter tido a sorte e o privilégio de não ter ficado calado ou só me queixando. Eu fui lá, eu e minha turma (Jaguar, Tarso de Castro, Sérgio Cabral Filho, Millôr Fernandes, Henfil,

Paulo Francis, Ivan Lessa, Carlos Leonam, Sérgio Augusto, Ruy Castro, Fausto Wolff). Tudo o que a gente pensou e quis fazer, a gente fez. Às vezes, morrendo de medo. Mas fez.

**Há algum projeto que dê continuidade ou que reedite o Pasquim 21 ou a Bundas?**

A gente precisa sempre de veículos que não sejam alienantes. Sempre que eu pude, eu fiz. Mas agora, não, cansei. Fiz quatro publicações (Cartum JS, Bundas, Palavra e Pasquim 21) e todas são marcantes, sobre todas tem tese de mestrado. Mas em todas eu quebrei a cara financeiramente. Em revista de humor político ninguém anuncia. Na Bundas, nun-

ca consegui anúncio, e olhe que de bunda não tinha nada. Era só política, pau no Fernando Henrique Cardoso e no PSDB o dia inteiro.

**Drummond, que era seu amigo, disse ao senhor que, se não fossem as compensações da existência, envelhecer seria um horror. Quais as suas compensações?**

Ah, isso foi uma vez que estávamos eu, ele e Pedro Nava, e Pedro falou isso: "Rapaz, envelhecer é uma merda". A compensação é realizar o mínimo de desejos e de sonhos. Alguma coisa que você sonhou, a vida tem que te devolver. Se não devolve, é uma merda envelhecer. Mas, se devolve, é fantástico. «

**FOBICÃO ESPACIAL III**



**ARMANDINHO  
DODÔ &  
OSMAR**



Apoio:



Patrocínio:



Realização:

Ministério da Cultura



**O TRIO ELÉTRICO ARMANDINHO, DODÔ & OSMAR AGRADECE A PARTICIPAÇÃO DO FOLIÃO PIPOCA COM SUA ALEGRIA E ENERGIA NO MAIOR CARNAVAL DO MUNDO.**